

## O DOM DE UM FUTURO

Por Mary Turgi, CSC

*Violar o princípio do desenvolvimento durável é roubar os nossos próprios filhos... é marchar lentamente para a destruição. O desenvolvimento durável torna-se agora um critério central para toda empresa humana.*

*Ultimamente o desenvolvimento durável e a própria viabilidade dizem respeito aos valores coletivos; as escolhas que lhe estão associadas, portanto, se constituem numa questão política, quase certamente na questão política global suprema do século.*

*Magazina WoudlWatch, ser/out. 2003*

Há uns dez anos, os conceitos de desenvolvimento ecológico e o desenvolvimento durável eram praticamente desconhecidos. Durante quase toda a nossa história, velha de 2,6 milhões de anos, os seres humanos não exerciam senão uma presença benigna na terra. O número de habitantes, as atividades econômicas e as intervenções tecnológicas estavam ligadas aos limites naturais do planeta. Mas tudo isso mudou nos últimos cinquenta anos. A população mundial dobrou (6,2 bilhões), a economia mundial multiplicou-se por sete e as descobertas tecnológicas nos levaram a esgotar os recursos do planeta. No início dos anos '80, as demandas coletivas da humanidade superaram a capacidade de a terra regenerar-se; presentemente, as demandas excedem essa capacidade de 20%. Se, como espécie, não modificarmos a nossa maneira de habitar o planeta, essa margem só crescerá, provavelmente num ritmo desenfreado – perspectiva pouco invejável para as futuras gerações de todas as criaturas terrestres. Não espanta, pois, que a *viabilidade* e o *desenvolvimento durável* ocupem o primeiro lugar na agenda mundial.

O desenvolvimento durável significa habitualmente responder às verdadeiras necessidades do povos, hoje

- sem comprometer a possibilidade para as gerações futuras de responderem a essas mesmas necessidades e
- sem diminuir a diversidade natural da vida sobre a terra ou a viabilidade dos sistemas de suporte à vida do planeta.

Em outras palavras, o desenvolvimento durável garante o dom de um futuro viável para as gerações futuras.

Levando-se em conta a situação presente, a escolha do desenvolvimento durável requer mudanças profundas para a nossa espécie. Como o afirma Ronald Wasowski em “O perfil do desenvolvimento durável”, ser-nos-á preciso mudar a nossa maneira de produzir e de utilizar os bens e recuar o nosso nível de consumo aos limites naturais da terra.

O conceito de desenvolvimento durável significa igualmente mudar a nossa visão do mundo para reconhecer e respeitar certos princípios elementares:

- A terra é um sistema vivo no qual há dependência entre todos os seus elementos: o que afeta uma parte do sistema afeta também o conjunto.
- Cada ser é uma manifestação do mistério da vida. Todos têm um valor intrínseco e têm um direito à existência.
- A Diversidade é essencial à sobrevivência e à evolução constante da terra.

Como no-lo lembra a *Carta da Terra*, a espécie humana chegou a um ponto tão especial que se trata de um momento crítico na história da terra. Temos de nos entender como um só grupo para escolher o nosso *futuro*. Podemos todos e todas contribuir para criar uma sociedade durável, começando simplesmente por onde estamos e fazendo tudo que está ao nosso alcance. O presente número de *Perspectivas* apresenta algumas maneiras, para os membros de Santa Cruz no mundo inteiro, de trabalhar para a criação de um futuro durável. Nós os convidamos a participarem da sua história, que será publicada no sítio do SSCIJ, contribuindo assim para que possamos aprender uns dos outros a nos sustentar.

---



---

## O PERFIL DO DESENVOLVIMENTO DURÁVEL

Por Ronald Wasowski, CSC

*O texto que segue foi extraído de um artigo mais longo “A busca do maná para todos” que pode ser encontrado no sítio do SSCIJ, secção Recursos Perspectivas.*

É fácil definir desenvolvimento durável, mas qual é o seu perfil e como chegar lá? Encarar o futuro por certo envolve alguma incerteza, mas é possível imaginar algumas características de uma sociedade durável madura.

Numa perspectiva conceitual,

- O desenvolvimento humano tem mais a ver com “ser mais” do que com “ter mais”. As pessoas, a natureza e os outros seres – e não as posses – serão as nossas maiores fontes de alegria.
- A equidade entre todos os povos da terra – presentes e futuros – será fortemente reivindicada, tanto no plano pessoal como político.
- A qualidade de vida para todos os povos será, no plano material, substancialmente igual e suficiente para que eles possam *desenvolver-se* e não somente sobreviver.
- A terra e todas as formas de vida serão reverenciadas pela sua beleza e valores intrínsecos, não apenas pela sua utilidade.
- Os melhores recursos científicos serão consagrados a melhorar a compreensão que os homens têm sobre o meio ambiente e a utilizar os recursos do modo mais eficaz.

De um ponto de vista prático

- A ciência dos sistemas e a ciência da complexidade serão bem compreendidas e aplicadas para reduzir os impactos ecológicos negativos.

- Os sistemas fiscais e outras medidas de incentivo econômico recompensarão a reciclagem e a reutilização e punirão a utilização inútil de material virgem.
- Os bens materiais serão concebidos para serem duráveis e não descartáveis – de modo a durarem cinco vezes mais do que os objetos comparáveis de hoje.
- As tecnologias solares e eólicas substituirão as formas de energia menos eficazes e mais poluentes.
- Os custos para a melhoria do meio ambiente serão calculadas de modo justo e serão pagas pelos responsáveis e não serão mais relegadas às gerações presente e futuras.

Como poderemos começar a transformar esse futuro em realidade? Um bom começo, mormente para os povos do Norte, seria modificar o nosso próprio estilo de vida. As Escrituras, os nossos documentos da Congregação e os nossos votos de religião nos chamam a viver simplesmente e de modo equitativo - contentando-nos em satisfazer as nossas necessidades, mais do que os nossos caprichos. Segundo algumas estimativas, o consumo “per capita” das 29 nações mais ricas é cinco vezes mais elevada do que o das nações em desenvolvimento - e dez vezes mais do que o necessário.

Nos planos nacional e mundial, devemos remodelar as nossas economias para reduzir a extração de recursos e promover uma utilização e reutilização mais eficazes. Como membros de Santa Cruz, podemos contribuir de modo significativo nos planos nacional e mundial, sustentando políticas

- que façam a promoção de um modelo de promoção/consumo que vá no sentido de “reduzir, reutilizar e reciclar” e
- que garanta “um mercado honesto” atribuindo um valor econômico aos serviços da natureza, que reflita os custos ambientais reais da produção.

Em nível internacional, devemos manter o diálogo econômico iniciado em conferências como a Cúpula da Terra, no Rio de Janeiro em 1992 e a Cúpula do Aquecimento Global, em Kioto no Japão, em 1997. Garantir um *lobbying* eficaz junto aos nossos governos para induzi-los a ratificarem e porem em prática os entendimentos concluídos durante esses encontros é uma etapa crucial para o desenvolvimento durável.

Talvez como sugere a teóloga Sallie McFague, uma das coisas mais importantes para garantir um futuro durável é desenvolver e promover visões de uma “vida bela” que não sejam dominadas pelo consumo: visões que são justas, duráveis e que podem:

“...garantir as necessidades de base para todos, cuidados médicos universais, a educação, possibilidades de criatividade e de trabalho significativo, tempo para as famílias e os amigos, espaços verdes nas cidades e espaços selvagens para as outras criaturas.

No fundo nos diz McFague, é preciso recuar um pouco e nos re-perguntar o que faz *realmente* as pessoas felizes. Importa repensar quais noções de uma “vida bela” são justas para *todos* os habitantes do mundo e para a Terra em si mesma.

*Ronald Wasowski, um padre de Santa Cruz da Província de Indiana, é professor de ciência do meio ambiente e co-decano do departamento de Química e de Física da Universidade de Portland, em Portland, Oregon (USA). Especialista em Geociência, utiliza as imagens por satélite para estudar o meio ambiente; ensina igualmente astronomia e tem um particular interesse em gestão de recursos e no movimento de simplicidade voluntária.*

---

---

## **REFLORESTAR O GANA**

---

Uma entrevista com d'Esther Entsiwah, CSC

*Como professora de biologia e conselheira do clube “Ciências e Matemática” na escola secundária para moças Arcebispo Porter em Takoradi, Gana. Esther Entsiwah levou seus alunos a um ambicioso projeto de uma plantação de árvores que pôs em destaque o campus escolar e muitas aldeias vizinhas. Nesta entrevista, Esther partilha alguns aspectos educativos e práticos do programa.*

Perspectivas : Como começou o programa de plantação de árvores pelos estudantes?

*Esther* : No início de cada ano escolar, o Club “ Ciências e Matemática” estuda os problemas que afetam o nosso país e o mundo, e decide sobre uma ação a ser executada. Em 1998, verificamos uma mudança meteorológica que levava a uma redução das precipitações em Gana. Após alguma pesquisa, verificamos que uma parte do problema era devida à derrubada massiva de nossas árvores. Então os alunos disseram: “Por que não plantar árvores este ano?”

Decidimos então fazer desse projeto uma experiência educativa para todos na escola. Os alunos usaram as suas contribuições ao Club para comprar alguma mudas – suficiente para distribuir duas por classe. E no Dia da Árvore, nossa diretora decretou feriado e todo o campus – por volta de 800 alunos – reuniu-se para rezar, escutar uma palestra sobre a história do Dia da Árvore em Gana e plantar árvores. Após a oração, todos percorremos o campus, ao som da música e dos tambores, ao mesmo tempo em que cada classe plantava todas as árvores cuja responsabilidade assumiam.

Foi assim que as coisas começaram. No ano seguinte recebemos um dom da minha Comunidade e decidimos começar a plantar árvores frutíferas que teriam uma dupla utilidade. Descobrimos que as palmeiras e as árvores guarda-chuva convinham muito bem ao nosso solo, então plantamos umas 50 dentro do campus. Algumas árvores guarda-chuva progrediram e oferecem hoje uma belíssima sombra para os alunos. É uma recompensa por terem regado e cuidado tão bem das plantas!

*P* : Em seguida vocês estenderam o programa a algumas aldeias. Como chegaram a isso?

*E* : Em 1999, estendemos o programa a lugares próximos da escola. Em grupos, os alunos foram a essas aldeias, falaram com os chefes do Dia da Árvore, plantaram árvores e encorajaram os aldeões a continuarem o processo.

Ao mesmo tempo, trabalhamos com os catequistas locais. Muitos dentre eles vêm de aldeias onde, por causa da pobreza, as pessoas abatem as árvores para aquecimento ou outras tarefas domésticas ou, ainda, para vender. Mostramos aos catequistas o impacto da deflorestação sobre o ambiente e por que eles deveriam plantar e cuidar das árvores. Quando voltaram para casa, eu lhes dei mudas -- árvores que crescem rápido, que demandam pouca irrigação e que são benéficas para o meio-ambiente. Todo esse movimento, na escola e nas aldeias, prossegue até hoje.

*P : Fale-nos um pouco sobre os problemas da deflorestação em Gana?*

E : A deflorestação é um problema maior. A cada dia, vemos enorme quantidade de árvores sendo abatidas e levadas para outras partes. Toda vez que tomo o ônibus, de Takoradi para Acra (218 km), vejo mais de 50 carretas transportando toras enormes. Perdemos quantidade de nossas velhas árvores e, ainda que as companhias madeireiras devam reflorestar, elas não o fazem de fato. As ONG, as Igrejas e alguns indivíduos tentam encontrar uma solução a esses problemas, mas não podem compensar a devastação das florestas.

*P : Os seus alunos engajaram-se no projeto de reflorestação. Engajaram-se também em outros projetos em relação aos problemas ambientais?*

E : Ah! Sim – os nossos alunos são bem informados sobre os problemas ambientais e não têm medo de se exprimirem. Nós os levamos, às vezes, a encontrar representantes de indústrias que operam em Gana, e os alunos os interpelam fortemente. Perguntam coisas assim: “Vocês estão certos de que o lixo produzido pelas suas indústrias é tratado de modo a não afetar a qualidade e a temperatura da água e a não matar os peixes? Vocês podem nos provar isso?” Os alunos sabem do que estão falando e insistem em saber as respostas!

São ativos também em outras áreas. No início de cada estação das chuvas, escrevem cartas a diferentes grupos na cidade para lembrar a coleta do lixo e a limpeza dos esgotos para prevenir as inundações. Combinaram com o Chefe do Correio colocarem tais cartas em todas as caixas receptoras. Recentemente, os nossos alunos juntaram-se a outros grupos da região para promover uma campanha de cartas pedindo aos membros do Parlamento que passassem uma lei sobre a utilização do plástico.

Infelizmente a conscientização dos nossos alunos ainda é minoritária. Somente 40% dos ganenses estão conscientes do que se passa com o meio-ambiente. É por isso que importa incrementar a conscientização. Não raro é difícil fazer passar uma mensagem, mas já verificamos que uma vez entendido o problema, as pessoas estão prontas para usar toda a sua energia para mudar as coisas!

*(Legenda em volta das fotos : No Dia da Àrvore de 1998, mais de 800 professores, equipe de manutenção e alunos da Escola Secundária Archbishop Porter, reuniram-se para abençoar e plantar árvores. Os graduados continuam a plantar árvores em suas aldeias e a educar sobre a importância ecológica das florestas.)*

*Esther Entsiwah, Irmã de Santa Cruz, é membro do Corpo Docente da Escola Secundária Archbishop Porter há nove anos. Ela prepara atualmente o Mestrado em Ciências da Administração na Univesidade Notre Dame, Notre Dame, Indiana.*

---

---

## **UM POUCO DE AJUDA PARA NOSSA MÃE TERRA**

Por Diana Cudiff, CSC

No início de 2002, os 180 docentes do *Colégio Santa Maria*, em São Paulo, Brasil, tomaram conhecimento da Carta da Terra, com a finalidade de incorporar explicitamente os seus valores e princípios ao currículo. O tema da preservação e da promoção da vida é tradicional no *Colégio*, mas achamos que a Carta insuflava mais energia porque se trata de uma iniciativa *Global* e que a sua visão larga do desenvolvimento durável reconhece como interdependentes e indivisíveis os direitos humanos, a justiça social e econômica, a proteção do ambiente e a paz.. A Carta da Terra fornece-nos um novo quadro de pensamento e ação para todos esses desafios, entre nós e entre os nossos alunos.

Depois de ter refletido sobre os temas maiores da Carta, todos estavam de acordo que provocar um engajamento para uma sociedade global durável é um objetivo não negociável da educação em Santa Cruz. Os docentes de todos os níveis começaram a reestruturar o conteúdo dos cursos e outras atividades educativas com esse objetivo na cabeça.

É impossível de descrever a abundância de idéias e de ações que isso suscitou, mas vou mencionar algumas para ilustrar-lhes a variedade e a engenhosidade.

Uma das nossas primeiras atividades consistiu em examinar o lixo nas classes. Os alunos separaram o papel, o plástico, as embalagens de suco, os restos de lanche e a serragem dos lápis e tentaram responder a perguntas como estas: “Que perigos causamos quando não tratamos o lixo corretamente?” e “Podemos fazer algo de útil com o lixo além de garantirmos que não serão jogados no chão?”

Para ajudar a responder a essas perguntas, recorreremos a uma cooperativa de “catadores de papel de rua” para aprender o que eles faziam com o lixo. Após conversarmos com eles, começamos a separar o lixo em categorias, para o papel limpo, o plástico, os metais, o vidro, o “lixo sujo” e os doamos à cooperativa. Em seguida, os pequenos de 6 anos decidiram que haveriam de cuidar mais dos “dons da mãe terra” e colheriam mais lixo para a cooperativa se comprometessem os seus 600 coleguinhas da maternal e das primeiras séries e de suas famílias. Os alunos da segunda série iniciaram uma campanha análoga para os 500 alunos da segunda à quarta série e os grandes da sexta série para os 600 alunos das classes superiores.

O projeto do lixo foi apenas o começo de onde surgiram outros tantos programas.

- Os alunos e os professores utilizaram a geometria para planificar hortas semeadas e mantidas de modo comunitário. Os produtos foram oferecidos para pessoas idosas, crianças de rua e membros das cooperativas com as quais os alunos colaboravam.

- Um espaço significativo foi colocado à parte nos terrenos da escola para os alunos da 8ª série para abrigar as porções de material compostado aproveitado a partir dos restos do refeitório e das plantas. O compostado assim produzido serviu para adubar os gramados e os jardins da escola foram aberto ao uso das famílias.
- Lixeiras com cores convencionais foram colocadas um pouco por toda parte e “guardas ecológicos” passeavam pelo terreno para lembrar a cada um como utilizá-las corretamente.
- Uma comissão composta de professores, alunos e membros do pessoal encontra-se cada mês para inventar meios de motivar e estimular uma mudança de estilo de vida segundo as exigências do desenvolvimento durável: concursos, cartazes (principalmente nos banheiros junto a leitores cativos!) e exposições inesperadas feitas de material reciclado.
- Os alunos e os professores visitaram bairros desfavorecidos parcialmente destruídos por inundações causadas pelo acúmulo de lixo nas ruas. Deu-se às crianças pobres desses bairros material escolar para substituir o que perderam.
- Famílias fizeram e venderam sanduíches: o dinheiro foi doado para a construção de cisternas no Nordeste do Brasil.
- Professores, alunos, pais de alunos, altos funcionários do governo, pesquisadores universitários e membros da mídia colaboraram num projeto de construção de radiadores solares utilizando material de baixo custo. Esses radiadores foram instalados como modelos em oito bairros desfavorecidos para estimular os moradores a construírem outros juntos.
- Eis aí alguns dos nossos projetos. Novos projetos desenvolvem-se seguidamente, pois não acreditamos que o desenvolvimento durável vai se dar espontaneamente. Será sempre o fruto de engajamentos individuais e coletivos em vista de relações humanas justas e pacíficas e para uma boa saúde da natureza. A “guerra” que queremos ganhar não é no Iraque, mas em todo o planeta – um metro quadrado por vez.

*Diana Cundif, Irmã de Santa Cruz, exerceu o seu ministério em São Paulo, Brasil, durante 30 anos. É atualmente diretora do Colégio Santa Maria, dirigido pelas Irmãs de Santa Cruz com 2.700 alunos – crianças e adultos, da maternal ao secundário.*

---

***Com certeza, o desenvolvimento durável e a durabilidade em si mesma dizem respeito a valores coletivos e a escolhas ligadas a esses valores, o que faz dele uma questão política, certamente o mais importante desafio político deste século.***

### **Excercos de A CARTA DA TERRA**

---

A Carta da Terra é uma declaração de princípios fundamentais para construir um mundo justo, durável e agradável. Fruto de um diálogo sobre valores e objetivos comuns durante dez anos, em escala mundial e transcultural, busca inspirar entre todos os povos um novo sentimento de interdependência global e de responsabilidade partilhada para o bem-estar da família humana e do mundo vivo em geral.



## Preâmbulo

Encontramo-nos num momento determinante da história da Terra, um momento em que a humanidade deve decidir sobre o seu futuro. Num mundo sempre mais interdependente e frágil, o futuro é ao mesmo tempo inquietante e muito promissor. Para evoluir, devemos reconhecer que em meio a uma grande diversidade de culturas e de formas de vida, nós formamos uma só humanidade e uma só comunidade sobre a Terra partilhando um destino comum. Devemos unir os nossos esforços para fazer nascer uma sociedade mundial durável, fundamentada no respeito à natureza, aos direitos fundamentais do ser humano, à justiça econômica e a uma cultura de paz. Com essa finalidade, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos a nossa responsabilidade para com os outros, para com a comunidade mais vasta da vida, assim como em relação às gerações futuras.

## A Terra. Nosso Lar

A humanidade faz parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, é em si viva e abriga uma comunidade única de seres vivos. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra ofereceu as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da comunidade dependem da preservação de uma biosfera sadia compreendendo todos os sistemas ecológicos – uma rica variedade de plantas e animais, a fertilidade da terra, a pureza do ar e das águas. O meio-ambiente planetário, inclusive os seus recursos limitados, é uma preocupação comum a todos os povos da terra. A proteção da vitalidade, da diversidade assim como da beleza da Terra é uma responsabilidade sagrada.

## A situação global

Os modos de produção e consumo que prevalecem atualmente causam prejuízos consideráveis ao meio ambiente, o esgotamento dos recursos e o desaparecimento em massa de numerosas espécies. As comunidades locais estão debilitadas. Os benefícios do desenvolvimento não são partilhados de maneira equitativa e a distância entre ricos e pobres é cada vez maior. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos são generalizados e causam grandes sofrimentos. Um aumento sem precedentes da população sobrecarregou os sistemas ecológicos e sociais. Os fundamentos da segurança planetária estão ameaçados. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.

## Os desafios do futuro

Cabe a nós escolher : formar uma rede de solidariedade em escala mundial para cuidar da Terra e do nosso próximo ou então participar da nossa própria destruição assim como a da diversidade da vida. Mudanças fundamentais em nossos valores, nossas instituições e nos nossos modos de viver são indispensáveis. Temos de admitir que uma vez estejam as necessidades fundamentais satisfeitas, a evolução da humanidade não será mais uma questão de *ter* mais, mas de *ser* mais. Possuímos conhecimento e tecnologia suficientes para saciar as necessidades de todos e para reduzir o impacto sobre o meio-ambiente. A emergência de uma sociedade civil mundial oferece a oportunidade de construir um mundo



democrático e humano. Os nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão estreitamente ligados e juntos poderemos encontrar soluções integradas.

### A responsabilidade universal

Para realizar essas aspirações, devemos escolher a integração em nossas vidas do princípio da responsabilidade universal, identificando-nos tanto com a comunidade universal da Terra quanto com as locais. Somos ao mesmo tempo cidadãos de diferentes nações e de um só mundo onde o local e o mundial são interdependentes. Partilhamos todos a responsabilidade de garantir o bem-estar presente e futuro da grande família humana e de todas as outras formas de vida. O espírito de solidariedade e fraternidade em relação a toda forma de vida é reforçado pelo respeito do mistério da criação, pelo reconhecimento do dom da vida e pela humildade diante do lugar que ocupamos como seres humanos no universo.

Reconhecemos a necessidade urgente de uma visão comum dos valores fundamentais que fornecerá a base de princípios éticos para a comunidade mundial emergente. Conseqüentemente, num espírito de solidariedade, afirmamos os princípios interdependentes seguintes, que visam a um modo de vida durável como norma universal e segundo os quais serão guiados e avaliados os comportamento das pessoas, das organizações, das empresas comerciais, dos governos e das instituições transnacionais.

### Princípios

#### *Respeito e proteção da comunidade da vida*

1. Respeitar a terra e toda forma de vida
2. Tomar cuidado da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.
3. Construir sociedades democráticas, justas, participativas, duráveis e pacíficas
4. Preservar a riqueza e a beleza da Terra para as gerações presentes e futuras.

Para realizar os quatro engajamentos gerais precedentes, será necessário adotar os seguintes princípios:

#### *Integridade ecológica*

5. Proteger e restabelecer a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, em particular da diversidade biológica e os processos naturais que garantem a manutenção da vida.
6. Impedir qualquer prejuízo ao meio-ambiente como o melhor método para preservar e aplicar o princípio da precaução lá onde os conhecimentos forem insuficientes.
7. Adotar os modos de produção, de consumo e de reprodução que preservem as capacidades regeneradoras da terra, os direitos humanos e o bem-estar comum.
8. Fazer progredir os estudos sobre ecologia durável e promover o livre intercâmbio e a aplicação dos conhecimentos adquiridos

#### *Justiça social e econômica*

9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental
10. Garantir que as atividades e as instituições econômicas em todos os níveis favoreçam o desenvolvimento humano de modo justo e durável.
11. Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como condição prévia do desenvolvimento durável e assegurar o acesso universal à educação, aos cuidados da saúde e às possibilidades econômicas.
12. Defender o direito de todos os seres humanos, sem discriminação, a um ambiente natural e social que favoreça a dignidade humana, a saúde física e ao bem-estar espiritual, com particular atenção aos direitos dos povos indígenas e das minorias.

#### *Democracia, Não-Violência e Paz*

13. Reforçar as instituições democráticas em todos os níveis e promover um sistema de governo que obedeça aos princípios de transparência e justiça, assim como a participação de todos nas tomadas de decisão, e o acesso à justiça.
14. Integrar ao sistema de educação e à formação contínua os conhecimentos, os valores e as competências necessárias a um modo de vida durável.
15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.
16. Promover uma cultura de tolerância, de não violência e paz.

Citado sob licença. Pode-se encontrar o texto completo da *Carta da Terra* no Sítio [www.chartedelaterre.org](http://www.chartedelaterre.org)

---

---

### **HCSC: MUDAR HOJE PENSANDO NO AMANHÃ**

#### **Por Judith Johns e Marilyn Zugish, CSC**

A origem de *Holy Cross Services Corporation* (HCSC) data de 1929 quando as Irmãs da Santa Cruz contrataram leigos pela primeira vez em St. Mary's, Notre Dame, Indiana. Esses empregados cuidavam da manutenção, da lavanderia, da cozinha e dos cuidados hospitalares para as Irmãs.

Hoje, HCSC cuida igualmente da manutenção do terreno e edifícios que pertencem à Congregação, inclusive as residências e as casas de idosas.

Desde que a ecologia permanente tornou-se uma preocupação central para as Irmãs da Santa Cruz, há já alguns anos, a equipe dirigente da Congregação pediu ao HCSC que fizesse do impacto ambiental um dos principais critérios para a tomada de decisões. Reduzir o impacto coletivo da nossa impressão ecológica é agora uma parte explícita da estratégia do HCSC e um dos nossos principais objetivos.

Em 1999, a Congregação e HCSC contratou os serviços de *Appalachia – A Ciência ao Serviço do Público*, para avaliar os recursos ecológicos no campus de Saint Mary's e fazer as recomendações para incrementar o desenvolvimento durável dos edifícios e dos

terrenos. Essa avaliação e o plano de 10 anos dela decorrente tornaram-se o quadro de referência para o nosso trabalho ambiental tanto no campus como nas propriedades da Congregação.

Aprender a viver em maior harmonia com a Terra é uma tarefa permanente e não raro enorme. Acreditamos, todavia, que fizemos notáveis progressos no correr desses últimos quatro anos.

- O nosso departamento central de serviços substituiu as velhas fornalhas de carvão, nocivas ao meio ambiente, por fornalhas alimentada por gás, combustível mais limpo.
- Um estudo sobre energia elétrica foi feito para testar o consumo e os custos da energia: uma iluminação econômica de energia, lâmpadas fluorescentes compactas, detectores de ocupação, células fotoelétricas, sistemas de auto-apagamento foram gradualmente instalados.
- O departamento de manutenção dos terrenos desenvolveu sua própria filosofia de cuidado do paisagismo, propício ao meio ambiente, reintroduzindo espécies nativas, adaptadas ao nosso clima e resistentes às doenças e insetos locais; utilizando o menos possível produtos químicos tóxicos e praticando um sistema de irrigação intensivo, porém esporádico, para economizar água.
- O departamento de alimentação oferece mais refeições vegetarianas para encorajar as irmãs e os empregados a consumir menos e melhor.
- O departamento de serviços ambientais usa mais produtos de higiene pessoal e produtos de limpeza menos nocivos ao ambiente; toalha de papéis mais absorventes, xícaras e copos reutilizáveis, sabão e produtos de limpeza sem aditivos químicos, etc.
- Começamos a comprar “viaturas híbridas” gás/eletricidade, menos poluentes.
- Durante o ano acadêmico em curso, o HCSC vai colaborar com a equipe dirigente do corpo docente, do pessoal e das estudantes do Saint Mary’s College, num projeto intitulado: *Operacionalizando a Carta da Terra: Para um Saint Mary’s College durável.*
- Uma boa parte desse progresso deve-se não somente ao trabalho do HCSC, mas igualmente à contribuição dos empregados, particularmente aqueles/aquelas que atuam nos comitês ligados ao ambiente e às compras. O comitê que cuida do ambiente busca e recomenda novos modos de conservar os recursos, de proteger o meio ambiente e estimula a utilização de produtos que não são nocivos ao meio ambiente. Com o comitê das compras, ele revisa todos os produtos utilizados, para avaliar-lhes o impacto sobre o meio ambiente e as pessoas que os utilizam.

Todos esses esforços ensinaram-nos uma coisa: viver e trabalhar com durabilidade nem sempre é simples e direto. Às vezes certas práticas duráveis podem parecer nocivas para a natureza. Por exemplo, o bem de um eco-sistema global pode exigir o controle artificial de certas populações selvagens. A questão que então se coloca é: como efetuar esse controle da maneira mais humana possível. Também na medida em que a nossa compreensão do desenvolvimento durável se aprofunda, as linhas diretrizes para uma prática durável evoluem. Ações e procedimentos que, num certo momento, pareciam favoráveis podem

mostrar-se como nocivos. Torna-se então necessário criar uma rede de informação fiável, aberta à pesquisa, à discussão e ao debate.

Começamos a perceber que trabalhar para o desenvolvimento ecológico durável é um projeto para uma vida – um projeto que exige um comprometimento a longo prazo e um processo contínuo de aprendizagem. Com o passar do tempo, garantir o desenvolvimento durável vai exigir de nós muito mais do que simplesmente fazer as coisas diferentemente. Isso vai significar também mudar o nosso modo de pensar e cotejar as percepções que temos das nossas espécies com a realidade dos limites do nosso planeta. É um desafio enorme, mas um desafio que os indivíduos e as instituições devem encarar juntos para garantir um futuro para a grande comunidade da terra.

-----

JUDITH JONES ( à esquerda) é a diretora do HCSC. Graduada do Saint Mary's College. Judith é mestre em ciências da saúde da Universidade Loyola (Chicago); ela é comissária adjunta para a saúde na cidade de Chicago.

MARILYN ZUGISH (à direita) é Irmã da Santa Cruz, nascida em Seattle, Washington, muito interessada no desenvolvimento durável e na espiritualidade da criação. Ela no presente é membro da equipe dirigente da sua Congregação.

---

---

## **ECOLOGIA PESSOAL 101**

Por Gretchen Dysart, MSC

Voltei a usar sabonete “comum”, ou seja, “em barra”.

Durante um certo tempo usei os novos sabonetes líquidos, mas, a cada vez que retornava à loja, verificava os malefícios do consumo. A cada vez um número maior de marcas sofisticadas de sabonete líquido, o que multiplicava o número de embalagens plásticas nas prateleiras. Ainda que eu reciclasse todas as embalagens, sabia que isso não seria o bastante e que algo a mais teria que ser feito.

Quando escovo os meus dentes, já não deixo correr a água sem interrupção, como antes. Um dia fechei a pia com uma tampinha e medi a quantidade de água inutilizada que nela se acumulava; multipliquei o resultado por três vezes ao dia e em seguida por 365 dias. Depois disso já não deixo mais a água correr...

Quando recebo cartas pelo correio, se o interior for branco, rasgo essa parte e a utilizo para tomar nota, fazendo uso não somente da parte virgem, mas também da dos desenhos e dos votos. Sirvo-me mais do correio eletrônico.

Retiro o meu nome das listas de envio de catálogos, dando preferência às consultas via Internet. Pelo que se vê nos nossos depósitos de reciclagem sempre transbordantes, dá para

ver a quantidade impressionante de catálogos, circulares, folhetos que abarrotam o nosso pequeno escritório.

Evito o uso de guardanapos de papel. Alegro-me a minha decisão de não mais usar toalhinhas de papel em nossa cozinha. Sempre que posso escolher entre o vidro e o papel escolho o vidro.

Associo-me à operação “reciclagem” na minha cidade, no meu escritório e na minha comunidade local. Não raro a reciclagem é uma atividade aborrecida, toma tempo, mas tenho consciência dos seus benefícios, encaro tudo isso com o entusiasmo de quem pratica uma boa ascese!

Esforço-me para tornar-me mais consciente de que estou só no carro – num veículo que consome energia não renovável – para fazer quilometragem que não é prioritária.

As minhas ações solitárias mudarão o mundo? Quanto ao planeta, não saberia dizê-lo, mas quanto a *mim* com certeza. Cada um dos meus atos conscientes – sejam eles mínimos – faz-me lembrar de que não sou a única pessoa neste planeta. A minha impressão ecológica – identificável pela minha atitude ecológica – afeta *toda* a criação. Somos todos interdependentes na comunidade terrestre. “*O corpo é um, todavia, muitos são os membros; mas todos os membros do corpo, ainda que numerosos, não formam senão um só corpo.*” 1Co 12,12).

As minhas ações ordinárias *têm* uma influência sobre a Terra e sobre os seres que a povoam. Sim, pois eu sei que ao executá-las eu estou destruindo o planeta e pondo em perigo tudo o que vive.

Sozinha, com um sabonete em barra por vez, não conseguirei barrar a degradação ecológica mundial. Mas acredito na força do *nós*. Cada um ou cada uma de nós poderemos avaliar as nossas vidas e decidir que ações haveremos de empreender lá onde estamos. Ao agir com coerência em relação a decisões simples de educar, de reduzir, de reutilizar e de reciclar, continuaremos a ser convidados, interpelados e levados a empreender os passos seguintes, quaisquer que eles sejam.

P.S. Este artigo também será reciclado: mando-o para o meu jornal local!

Gretchen Dysart, Marianita de Santa Cruz, é Assistente Geral da sua Congregação e representa as Marianitas na Comissão Executiva do Secretariado Internacional para a Justiça. Vive presentemente em Nova Orleães, Luisiana.

---

---

## Recensão

### *AS MARAVILHAS DESTE MUNDO*

## AS RELIGIÕES ENTRAM EM SUA FASE ECOLÓGICA

Por Joan Quinn, CSC

...maravilhar-se talvez seja a chave a libertar o generoso potencial da nossa espécie e do nosso planeta. As religiões talvez possam suscitar a indispensável capacidade humana de encantar-se diante do mistério da vida.

Antes de ter lido *Worldly Wonder ( A maravilha deste Mundo )* de Mary Evelyn Tucker, considerava-me uma pessoa consciente em relação à questão ambiental. Agora verifico que apenas havia chegado superficialmente a uma tomada de consciência planetária.

A nossa situação global atual, diz Tucker, é cheia de ironia. Ao mesmo tempo em que nos despertamos para a complexidade e magnificência da história do universo, tomamos consciência de que estamos em processo de vandalizar a nossa casa. Ao destruir irrefletidamente os ecossistemas e outras formas de vida, nós desfazemos o fio da vida, “destruindo o próprio alicerce da nossa continuidade como espécie”. Mas, nota Tucker, podemos parar com essa ruína da nossa espécie e do nosso habitat. “...a escolha cabe a nós – tornar-nos sobre o planeta uma presença curativa ou deletéria.”

Neste momento, o grande desafio para as tradições religiosas é o de levar os seres humanos a uma atitude planetária de cura. As religiões não estão equipadas para serem líderes científicos na área dos desafios ambientais, mas podem dar um impulso para que as pessoas ajam de maneira diferente. As religiões modelam os valores, as orientações e as visões de mundo; elas não raro têm forças poderosas para a transformação pessoal, social e política. Que papel específico a religião poderia assumir na crise ecológica?

Nesses últimos anos, muitos dentre nós tentamos conscientemente despertar o nosso apreço pela matéria como portadora do sagrado. As tradições religiosas poderiam elas judar-nos a encontrar o nosso nicho verdadeiro como espécie - fazendo-nos tomar consciência de que “não somos somente uma parte da humanidade, mas também somos parte da Terra... não apenas seres humanos mas seres do universo? As religiões poderiam elas ajudar-nos a celebrar o nosso parentesco não apenas com os seres humanos, mas também com todas as formas de vida?

Sim, diz Tucker, mas à condição de que as religiões se transformem:

- ao passarem da pretensão à posse exclusiva da verdade a um diálogo autêntico,
- ao alargarem as suas preocupações éticas a um mundo outro-que-humano,
- ao enraizarem de novo os ritos e os símbolos religiosos na natureza;
- ao equilibrarem a atração para o transcendente com o apreço pela sacralidade do mundo.

No cristianismo, por exemplo, uma tal transformação poderia significar uma expansão, um aprofundamento do sentido da Encarnação, de onde poderia emergir uma teologia dos sacramentos muito mais rica e uma cristologia mais englobante que compreenderia o Cristo Cósmico do universo inteiro.

Tucker não se cansa de afirmar a necessidade de múltiplas abordagens aos problemas ambientais: “Não será apenas uma só tradição ou disciplina religiosa que bastará para a busca de uma ética ambiental global que seja mais compreensiva e mais culturalmente inclusiva.” Com efeito, ela acredita que há um grande potencial para uma convergência explícita do diálogo interreligioso sobre a crise ecológica. Após várias décadas, as religiões parecem prontas a superar as discussões dogmáticas para cooperarem em favor das comunidades, ao mesmo tempo humanas e naturais.

Esse livro pequeno, mas poderoso, lança um desafio a todas as pessoas religiosas. É claro que não podemos ficar por aí como testemunhas silenciosas e inativas da sexta extinção sobre a Terra – aquela em que os humanos são os principais responsáveis. Temos de reencontrar a nossa voz ecológica. Como Tucker afirma, a Terra e as suas diferentes espécies gritam por socorro. A Terra pede que seja considerada como uma fonte de vida, e não como recurso a ser explorado a vontade ou uma mercadoria a ser comprada ou vendida. As espécies suplicam aos seres humanos que se unam à grande comunidade das formas de vida e que não sejam descartadas.

Todas as religiões, conclui Tucker, lembram-nos de que fazemos parte da Terra, que a Terra nos porta, nos alimenta e cuida de nós. A única resposta correta – a única religiosa – é a gratidão por esse dom de toda vida: “encantamento e reverência diante deste mistério da existência, atenção e respeito já que nos beneficiamos com esse dom, e... responsabilidade para com as futuras gerações a fim de que esse dom prossiga.”

*Joan Quinn, Irmã de Santa Cruz, é docente aposentada que tem experiência em todos os níveis de educação – do elementar ao universitário e também junto aos adultos na área de educação da fé. Ela é presentemente animadora regional e responsável pela missão na região anglo-canadense.*

---

---

## QUE PODEMOS FAZER?

- Passe um tempo na natureza para despertar o seu sentimento de encanto diante do mundo
- Reflita sobre a Carta de Terra pessoalmente ou com a sua comunidade local
  - Discuta os meios para pôr em prática a Carta da Terra pessoalmente ou com a sua comunidade
  - Explore os recursos do sítio web [www.chartedelaterre.org](http://www.chartedelaterre.org) sobre a Carta da Terra
  - Escolha uma área da Carta da Terra para usá-la como subsídio junto às pessoas com quem trabalha
  - Encoraje os organismos locais e nacionais a aderirem à Carta da Terra
- Calcule a sua própria impressão ecológica — o seu impacto sobre a terra segundo os seus hábitos de consumo: [www.earthday.net/footprint\(multinação/multilíngüe\)](http://www.earthday.net/footprint(multinação/multilíngüe))
- Comprometa-se com ao menos uma medida ativa, para reduzir a sua impressão ecológica sobre a terra:



- Pratique os “3R”: Reduzir, Reutilizar, Reciclar.
  - Composte o lixo do quintal e da cozinha para enriquecer o solo.
  - Diminua a sua dependência em relação a automóveis ou outros veículos de alto consumo de gasolina.
  - Substitua os pesticidas químicos perigosos por produtos alternativos naturais.
  - Isole a sua casa para poupar energia; utilize lâmpadas e aparelhos que consumam pouca energia.
  - Conserve e proteja as fontes de água.
  - Plante árvores.
- 

## FONTES DE CONSULTA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DURÁVEL

### SÍTIOS DA INTERNET

- Sítio da Carta de Terra [www.chartedelaterre.org](http://www.chartedelaterre.org) apresenta várias fontes:
    1. O texto *Carta da Terra* em trinta línguas e brochuras telecarregáveis em francês, espanhol, português e inglês;
    2. Sugestões para operacionalizar a *Carta da Terra* em instituições de educação, em todos os níveis, e em setores de educação informal;
    3. Um programa para engajar a sua comunidade civil no trabalho da *Carta da Terra*.
    4. Sugestões para operacionalizar a *Carta da Terra* pessoalmente ou na comunidade civil.
  - O Sítio Sacred Balance [www.sacredbalance](http://www.sacredbalance) apresenta o guia de Sacred Balance, bilhetes do ambientalista canadense David Suzuki, notícias sobre o meio-ambiente e o desafio da natureza.
  - O Sítio Médiaterre [www.mediaterre.org](http://www.mediaterre.org) e Agora 21 [www.agora21.org](http://www.agora21.org) apresenta uma informação internacional sobre o desenvolvimento durável para a francofonia.
  - O Sítio Apprentissage para um futuro durável [WWW.schoolnet.ca/learning](http://WWW.schoolnet.ca/learning) (inglês e francês) apresenta várias fontes para ajudar educadores/as a integrarem os conceitos e princípios do desenvolvimento durável nos programas escolares em todos os níveis.
- 

### VIDEOS

- A série televisiva *L'Équilibre Sacré* (quatro episódios de uma hora)
  - *Voyages dans les Nouveaux Mondes*: no primeiro episódio, David Suzuki começa um jornal pessoal – uma exploração da ciência e do espírito para redescobrir o lugar dos humanos na natureza.
  - *La matrice de la Vie* : David Suzuki viaja pelo mundo, explorando a nossa relação íntima com a água e o ar; ele se inicia à visão hindu que vê a água, o ar e toda a vida sobre a terra como fazendo parte de uma matriz.
  - *O fogo da criação*: Toda vida sobre a terra é fabricada na fornalha do Sol e através das idades, os seres humanos têm sempre essa chama

sagrada. Nesse episódio David constata que as descobertas das ciências ampliaram essa reverência.

- *Retour chez soi* : O “em casa” é onde mora a nossa “família”. Mas a nossa família é muito maior do que pensamos. Estamos em casa na comunidade humana e na biosfera, parenta próxima de todo ser vivo. Somos todos e todas criaturas da terra vivente.
- 
- 

## LIVROS

- *L'Équilibre sacré : Redécouvrir sa place dans la Nature*, David Suzuki, Broché, Canada, 2003
  - *Éco-économie : Une autre croissance est possible, écologique et durable*, Lester R. Brown, Denis Treirdweller (Traduction) Éditions du Seuil, 2003
  - *Worldly Wonder : Religions Enter Their Ecological Phase*, Mary Evelyn Tucker, Open Court Books, Chicago, Illinois, 2003
  - *Earth and Faith: A Book of Reflection for Action*, United Nations Environment Program, New York, disponível em [www.earthprint.com](http://www.earthprint.com)
  - *Stop*, Laurent de Bartillat e Simon Retallack, Éditions du Seuil, Paris, 2003
-